

# AULA DE INGLÊS DO CHAVES: Uma lição que nos conscientiza sobre a significância dos erros de nossos alunos

Michelle Silva de Mattos<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo aborda os erros durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Em termos teóricos, partiu-se da proposta de Corder (1967/1974) – de que os erros constituem evidências de que o aprendiz está fazendo hipóteses sobre o funcionamento da língua-alvo – e da taxonomia de classificação de erros estabelecida por Figueiredo (2004). O método utilizado foi o de revisão bibliográfica acrescido da análise da cena da aula de inglês do episódio *Ser professor é padecer no inferno*, do seriado *Chaves*. A partir da observação dos erros cometidos pelos personagens, verificou-se que, apesar da intenção do programa ser puramente humorística, é possível identificar os mesmos tipos de erros sendo cometidos por estudantes de inglês na realidade, por variados motivos: influência da língua materna, generalização de regras na língua estrangeira, ou até mesmo uma explicação inadequada por parte do professor. Conclui-se que é importante que os erros sejam vistos como parte de qualquer processo de aprendizado, inclusive o de uma segunda língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** erros. aprendizagem. aula de inglês. Chaves.

## ABSTRACT

This article has its focus on errors during the process of learning a foreign language. In theoretical terms, it is based on Corder's proposal (1967/1974) – that errors are evidence that the learner is making hypotheses about how the target language works – and on the taxonomy of error classification established by Figueiredo (2004). The method used was a literature review plus an analysis of the English class scene from the episode “*Ser professor é padecer no Inferno*”, from the TV series *Chaves*. From the observation of the mistakes made by the characters, it was verified that, despite the program's intention being purely humorous, it is possible to identify the same types of mistakes being made by English students in real life, for several reasons: influence of the mother tongue, generalization of rules in the foreign language, or even an inadequate explanation by the teacher. We conclude that it is important that mistakes are seen as part of any learning process, including that of a second language.

**KEY WORDS:** errors. learning. English class. Chaves.

## Introdução

Desde 1984, o seriado *Chaves* mantém e renova seu sucesso na televisão brasileira<sup>2</sup> alcançando diversas gerações. O programa é constituído por episódios que narram histórias do dia a dia dos moradores de uma humilde vila em um subúrbio mexicano, e mostra os acertos e desacertos de seus personagens de uma forma simples e com forte apelo cômico. De acordo com Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco, autores do livro *Chaves: Foi sem querer*

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Instituto Superior Anísio Teixeira (ISAT): [michellesottam@gmail.com](mailto:michellesottam@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2722764356676317>.

<sup>2</sup> Até 2020, o seriado foi exibido no SBT. Atualmente é transmitido pelo serviço *Multishow Play*.

*querendo?*, uma das razões para o sucesso do seriado é o fato de que ele “cativa por resgatar na TV um toque de ingenuidade e prazer artesanal que parecia perdido em tempos de tecnologia e malícia explícita” (2005, p. 12). Pablo Kaschner, autor de *Chaves de um sucesso*, aponta que, devido à ausência de grandes complexidades de enredo e ao fato de as tramas serem elaboradas com um vocabulário compreensível a todos, *Chaves* se comunica com qualquer pessoa (2006).

Joly et al. (2005) explicam o êxito desse fenômeno de audiência a partir de depoimentos de psicanalistas, psicólogos, humoristas, e especialistas em TV, dentre os quais a psicóloga Suzy Camacho, que aponta o lado caricato dos personagens como uma das razões do sucesso do programa. Ela destaca o fato de ser possível encontrarmos os personagens do seriado *Chaves* na forma de “estereótipos do nosso cotidiano: a vizinha fofqueira, o menino mimado, o malandro, e o professor autoritário, por exemplo” (JOLY et al., 2005, p. 29). Kaschner (2006, p. 183) acrescenta que os roteiros “possuem uma universalidade que os fazem ser assistidos por crianças, adolescentes, e até adultos de diferentes países, sem distinção de raça, credo ou classe social.” Em outras palavras, um dos motivos da enorme aceitação popular do programa é que seus personagens, apesar de caricatos, remontam a sociedade em que vivemos.

Diante da perspectiva supracitada, recorri a um trecho de um dos episódios, intitulado *Ser professor é padecer no inferno*, para exemplificar e discutir um aspecto presente no cotidiano de qualquer aula de língua estrangeira: o erro no processo de aprendizagem. Nesse episódio as crianças assistem a uma aula de inglês em sua escola, e os erros que cometem ao responderem às perguntas feitas pelo professor são os recursos humorísticos utilizados pelo roteirista para provocar o riso do público. Creio que a situação ali apresentada é bastante comum e compreensível quando analisada no contexto de ensino de uma língua estrangeira.

Como professora de língua portuguesa e inglesa, creio que observar as produções dos alunos, sejam orais ou escritas (sobretudo no caso do inglês), pode ser uma experiência muito enriquecedora, principalmente quando buscamos entender o processo de aprendizagem de uma segunda língua<sup>3</sup>. Considerando que me interesse por realizar essas observações em sala de aula, dirigir o olhar para o episódio de um seriado de televisão que reproduziu esse cenário consistiu em um exercício habitual. Assim, baseando-me nos erros cometidos pelos

---

<sup>3</sup> Apesar de Allwright e Bailey (1991) haverem proposto uma importante distinção entre os termos **segunda língua** (usada para a comunicação na comunidade local) e **língua estrangeira** (que não pertence à comunidade local), tais termos serão usados indistintamente neste trabalho em referência a qualquer língua aprendida após a língua materna.

personagens no referido episódio, optei por abordar alguns fatores que levam os alunos a cometerem erros em fase de aprendizagem. Ressalvo que não é objetivo deste trabalho desprestigiar o seriado, já que este não possui finalidade pedagógica, mas tão somente de entretenimento. Proponho, por meio da focalização nos erros cometidos pelos personagens, gerar conscientização quanto à significância dos erros no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Partindo, portanto, da premissa de que os erros cometidos pelas crianças na aula de inglês do seriado são refletivos do que ocorre na realidade, trago a consideração de que os erros são parte fundamental do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (LIGHTBOWN; SPADA, 2004; BARTRAM; WALTON, 1991; BROWN, 1994). Figueiredo (2004, p. 12) destaca que “por trás dos erros, existe um mundo de estratégias que o aprendiz utiliza e que deve ser explorado e compreendido”. Antes da discussão acerca dos erros dos erros cometidos pelos alunos no episódio do seriado, é adequado apresentar ao leitor como os erros são vistos nas diferentes teorias linguísticas ao longo do tempo.

### **Erros na aprendizagem de uma língua estrangeira: panorama histórico**

Historicamente, os estudiosos da linguagem tiveram opiniões variadas acerca dos erros. Até os anos 60, nos Estados Unidos, os estudos na área da linguagem baseavam-se na teoria behaviorista, escola dominante na psicologia. Segundo essa perspectiva, “os aprendizes deveriam receber um estímulo para então produzir uma resposta que deveria ser reforçada” (SILVEIRA, 2019, p. 186). Os erros eram atribuídos à interferência negativa da língua materna na língua estrangeira, constituindo maus hábitos que deveriam ser corrigidos. Brooks (1960, apud Ellis 1986), por exemplo, compara o erro ao “pecado”. Naquela época, as pesquisas em língua estrangeira baseavam-se na comparação sistemática entre a língua materna e a língua-alvo. Acreditava-se que a identificação de aspectos semelhantes e diferentes entre as duas línguas facilitaria o ensino e reduziria, conseqüentemente, a ocorrência de erros. Essa era a Análise Contrastiva, cujo objetivo principal era a prevenção de erros e teve como um de seus grandes proponentes Lado (1957). De acordo com sua proposição, elementos semelhantes aos da língua materna do indivíduo seriam simples de aprender, ao passo que elementos diferentes seriam passíveis de gerar dificuldade.

Segundo Ellis (1986), as críticas à Análise Contrastiva surgiram logo na década de 60, ao se observar que muitos dos erros previstos por essa análise não eram necessariamente cometidos pelos aprendizes, ao mesmo tempo em que outros, não previstos, ocorriam. À medida que aconteciam avanços nas pesquisas sobre a aquisição de primeira e segunda língua,

proposições como a de Noam Chomsky (1968), de que a língua é adquirida a partir da internalização de regras, e não por meio de formação de hábitos, influenciaram pesquisadores como Corder. Em seu artigo *The significance of learners' errors*, este estudioso (1967/1974) propôs que os erros cometidos pelos aprendizes são significativos em três maneiras: 1) para o professor, que pode verificar o avanço do aluno; 2) para o pesquisador, pois são demonstrativos de como ocorre a aquisição da linguagem<sup>4</sup>; e 3) para o próprio aprendiz, que pode aprender com os erros. Desta forma, o trabalho de Corder foi decisivo para que os erros fossem vistos como indicadores da aprendizagem e orientadores para o ensino. O impacto dessa nova perspectiva deu origem a um novo campo de estudos denominado Análise de Erros, “a investigação sistemática dos erros de aprendizes de segunda língua<sup>5</sup>” (MITCHELL; MYLES, 1998, p. 30). Ao contrário da Análise Contrastiva, que atribuía os erros à transferência negativa da língua materna, a Análise de Erros identificou diversos motivos para que ocorressem, citados por Brown (2000): erros interlinguais de interferência da língua nativa, erros intralinguais na língua-alvo, contexto sociolinguístico de comunicação e variáveis afetivas. A proposta da Análise de Erros é sintetizada por La Corte (2004):

[...] o aluno erra para aprender. Ao arriscar-se a falar numa LE de uma maneira ativa e criativa, ou seja, sem esperar fórmulas prontas do professor, passa a cometer erros, pois usa o conhecimento que tem, levanta hipóteses, faz analogias e se expressa como pode. Ao fazê-lo dá um passo em direção à aquisição/aprendizagem.

Com o surgimento do gerativismo e das teorias cognitivas no fim da década de 60, novos avanços nas pesquisas em torno do aprendizado de primeira e segunda língua ocorreram. A analogia com o fato de que as crianças cometem diversos erros enquanto estão adquirindo sua primeira língua, e que estes são considerados como parte integrante de seu desenvolvimento, contribuiu para que os erros no processo de aprendizagem de uma segunda língua passassem a ser vistos sob uma perspectiva positiva. De acordo com Hendrickson (1978, p. 388), tais avanços promoveram conscientização, entre os professores de línguas estrangeiras, de que os erros deveriam ser aceitos como fenômenos naturais dentro do processo de aprendizagem. Nessa mesma época, o termo *interlíngua* (SELINKER, 1972) passou a ser usado em referência à hipótese de haver um sistema intermediário entre a língua nativa e a língua-alvo, dando origem a um novo ambiente linguístico cujos erros e acertos eram vistos como uma parte natural do processo de aprendizagem (PENHA et al., 2018).

<sup>4</sup> La Corte (2004) aponta que a descrição e análise dos erros dos aprendizes de uma segunda língua contribuiu com importantes dados para a compreensão da aquisição de línguas em geral e para os estudos de teoria gramatical. Essa ideia é reforçada por Cavalari (2008) ao relacionar os erros a “geradores de dados sobre um processo interno próprio de cada aprendiz” segundo a hipótese da interlíngua.

<sup>5</sup> “...the systematic investigation of second language learners' errors.”

Assim segundo os estudos da Análise de Erros e os de Interlândia, “os erros são índices de um processo cognitivo de apropriação da linguagem” (LA CORTE, 2004). A hipótese da interlândia permanece fortemente considerada. Em sua tese de doutorado, Cruz (2001, p. 47) propõe uma conceituação mais contemporânea:

Interlândia é a competência lingüístico-comunicativa que o aprendiz de língua estrangeira manifesta em sua produção, marcada pela variabilidade, num percurso com avanços, regressões, instabilidade e possíveis fossilizações até o estágio final. Além das transferências lingüísticas, ocorre a criação de regras próprias a esse sistema

No fim da década de 70, com o advento da Abordagem Comunicativa (cf. Widdowson, 1978), o foco passou a ser voltado para a competência comunicativa do aprendiz. Cavalari (2005, p. 7) aponta que “sob essa perspectiva, os erros são considerados indicativos de um domínio parcial da língua e as tentativas de produção de significado do aluno são valorizadas, uma vez que o foco está no processo e não no produto do ensino/aprendizagem.” Pesquisadores como Nyikos e Oxford (1993), e Scovel (1998), com o objetivo de explicar a origem dos erros, prosseguiram nos estudos das estratégias lingüísticas e cognitivas empregadas pelos aprendizes.

Essa trajetória contribuiu significativamente para a maneira como os erros são vistos atualmente, quando muitos estudiosos acreditam que aqueles fazem parte intrínseca de todo processo de aprendizagem, e não apenas o de uma língua estrangeira. Assim, os erros constituem oportunidades para que o professor e os próprios alunos verifiquem que estruturas da língua ainda estão em desenvolvimento (BROWN, 1994, 2000; ARNOLD, 1999; FIGUEIREDO, 2004; LIGHTBOWN; SPADA, 2004, para citar alguns).

### **Identificação e origem dos erros**

Nesta seção apresento uma classificação de erros com base na taxonomia elaborada por Figueiredo (2004). Cabe ressaltar que nem todas as categorias estão apresentadas aqui, mas apenas aquelas que julgo serem as mais relevantes para a discussão do episódio de *Chaves* analisado.

- Erros interliguais: também chamados de erros de interferência ou de transferência, ocorrem devido à influência da língua materna. Ocorrem, por exemplo, quando alunos brasileiros pronunciam *cheap* quando querem dizer *chip*, ou *player of soccer* em vez de *soccer player*. Segundo Brown (1994, p. 65), a maioria dos erros dos alunos, especialmente quando em estágio iniciante, é advinda da pressuposição de que a língua-alvo funciona como a língua

nativa<sup>6</sup>”, por isso é importante voltar o interesse para os estudos da aquisição de língua materna para estudar a língua estrangeira (La corte, 2004).

- Erros intralinguais: são os que não refletem a influência da língua materna em sua produção. Ellis (2001) aponta que esses erros demonstram o funcionamento de estratégias de aprendizado universais verificadas em todos os aprendizes, seja qual for a primeira língua. Alguns exemplos apontados por Ellis (2001) e Figueiredo (2004) são: 1) a generalização de regras existentes na língua-alvo, como a tentativa de regularizar palavras cujo plural é irregular, como o par *child – children*; 2) confusão entre termos lexicais parecidos, como o emprego da palavra *quit* em vez de *quiet*; 3) omissão de estruturas gramaticais que não contribuem para o significado de um enunciado, como o -s da terceira pessoa do singular em *Peter like fish*, entre outros.

- Erros induzidos: são consequência de uma forma inadequada de se explicar a língua-alvo. Figueiredo (2004, p. 96) cita como exemplo a situação descrita por Richards et al. (1992), em que, ao informar sobre o emprego da preposição *at*, o professor pode levantar uma caixa e dizer: “*I’m looking at the box*”. Entretanto, por ter levantado a caixa, os alunos podem supor que *at* significa *under* e cometer esse erro posteriormente.

### **Episódio *Ser professor é padecer no inferno*.**

Nesta seção, apresento a transcrição da cena da aula de inglês no episódio *Ser professor é padecer no inferno*. A situação ocorre na sala de aula, e os personagens participantes são: Chaves, Chiquinha, Nhonho, Pópis, Professor Girafales e Quico. Tanto a transcrição como a posterior discussão contemplarão o episódio dublado em português, da maneira em que o seriado sempre foi exibido na TV brasileira.

Quadro 1 – Transcrição do episódio *Ser professor é padecer no inferno*

01	Professor Girafales:	Vem, vamos ver como estão em inglês.
02	Chaves:	Ah, isso aí é fácil, porque é só dizer as coisas ao contrário e pronto, é fácil!
03 04	Professor Girafales:	Me diga uma coisa, Chaves: de onde tirou a ideia de que o inglês consiste em dizer as coisas ao contrário?
05 06	Chaves:	Claro! Por exemplo, pra chamar um menino, em vez de chamar de menino, a gente chama de “boi”.
07	Professor Girafales:	Ah, muito errado, Chaves, errado! É que menino em inglês se diz “boy”!
08	Quico:	Claro! E menina se diz “boia”! Pergunta pra mim!

<sup>6</sup> “...stem from the learner’s assumption that the target language operates like the native language.”

09	Professor Girafales:	Sim. Eh... vamos ver, Quico. Como se diz amarelo em inglês?
10	Quico:	“Amaruelou”!
11	Nonho:	Não, seu tonto! Amarelo se diz “gielou”!
12	Chaves:	Ah, que burro! Dá zero pra ele!
13	Professor Girafales:	E por que vou dar zero se ele respondeu corretamente?
14	Chaves:	Não, não! Porque disse gelo, e o gelo não é amarelo.
15	Chiquinha:	Ah, Chaves, e se for uma raspadinha de gelo?
16		(Todos falam ao mesmo tempo)
17	Professor Girafales:	Silêncio! (Todos continuam falando) Silêncio! (Todos continuam falando)
18		SILÊNCIO! O Nhonho respondeu corretamente!
19	Quico:	Tá, mas era minha vez!
20	Professor Girafales:	Sim, é verdade. Eh... bom, mas vamos ver, Quico. Você sabe perfeitamente que azul em inglês se diz <i>blue</i> .
21		
22	Quico:	Sim, claro... blue... blue....
23	Professor Girafales:	E azul escuro?
24	Quico:	Blue marinho!
25		(O professor assume um semblante sério e se aproxima de Quico)
26	Quico:	Blue turquesa?
27		Blue celeste?
28		Blue mediterrâneo?
29		Não deu.
30	Professor Girafales:	Senta aí, senta! Agora vamos ver se aprenderam o nome dos animais.
31	Chaves:	Sim! Esse aqui é o Nhonho.
32	Nhonho:	Olha ele, hein! Olha ele, hein! Olha ele, hein!
33	Professor Girafales:	Chaves, eu estou perguntando o nome dos animais em inglês! Não em português!
34	Nhonho:	Gostou? Ah, o quê?
35	Professor Girafales:	Não... não... não... digo... eh...eh... vamos ver, Pópis. Eh... como se diz coelho em inglês?
36		
37	Pópis:	“Rabiti”.
38	Chiquinha:	Ai, ele perguntou o coelho inteiro, não só o rabinho!
39	Professor Girafales:	Bem, Chiquinha, parece que você está com muita vontade de responder, hã?
40	Chiquinha:	Eu? Não, nunca se deve responder aos mais velhos.
41	Professor Girafales:	Não seja atrevida! Agora vai me dizer como se diz cachorro em inglês.
42	Chiquinha:	Xereta!
43	Professor Girafales:	Não!
44	Chiquinha:	Sim, como não? Eu conheci um <i>settler</i> inglês que se chamava Xereta!
45	Professor Girafales:	Mas eu me refiro aos cães em geral!
46	Chiquinha:	Em geral?
47	Professor Girafales:	É.
48	Chiquinha:	E por que não explicou antes?
49	Professor Girafales:	Presta atenção: cachorro em inglês se diz “dog”.
50	Chiquinha:	Dog! Tava na ponta da língua! Sabe como é que se chamam os cachorros no sertão do Ceará?
51	Professor Girafales:	Como?
52	Chiquinha:	Cachorros-quentes!
55	Professor Girafales:	Olha, Chiquinha, é melhor ficar calada, tá bom? Hã... Nhonho, como se diz leão em inglês?
56		
57	Nhonho:	<i>Lion</i> .
58	Professor Girafales:	Gavião?
59	Quico:	“Gaviaion”.
60	Professor Girafales:	Muito errado! Vamos ver, Chaves: burro.
61	Chaves:	Não precisa ofender!
62	Professor Girafales:	Ah! Como se diz professor em inglês?
63	Chaves:	Professor...
64	Professor Girafales:	O quê!?
65	Chaves:	Professor... me pergunta como se diz professor em inglês, porque eu já aprendi como se diz professor.
66		

67	Professor Girafales:	Muito bem. Diga como se diz professor em inglês?
68	Chaves:	<i>Teacher!</i>
69	Professor Girafales:	E professora?
70	Chaves:	“Teachár”!
71	Professor Girafales:	Não, Chaves. Também se diz <i>teacher</i> .
72	Chaves:	Do mesmo jeito?
73	Professor Girafales:	Sim. <i>Teacher</i> é uma palavra que não tem gênero. Portanto é exatamente igual: professor e professora. Entendeu?
74	Chaves:	Sim, professora.

A discussão a seguir é uma tentativa de adequar os erros cometidos pelos personagens às categorias indicadas na seção anterior.

### **Erros de interferência ou de transferência**

Na linha 5, pode-se observar que a ideia de Chaves, de que a palavra “menino” em inglês é “boi”, parte da grafia da palavra *boy*. É provável que essa associação tenha sido uma tentativa de aproximar uma palavra em inglês à outra – para ele familiar – em português. Embora já tenha tido aulas de inglês anteriormente, conforme indicado pela fala do professor na linha 30 (“Agora vamos ver se aprenderam o nome dos animais.”), Chaves parece não ter interiorizado a noção de que a pronúncia das palavras em inglês não corresponde à sua representação escrita.

A conclusão de Quico, de que menina em inglês se diz “boia” (linha 8), provém da pressuposição de que a regra para formar substantivos no gênero feminino é a mesma do português: o acréscimo da vogal temática ao radical da palavra. Lightbown e Spada (2004, p. 165) afirmam que “a transferência de padrões a partir da língua materna é indubitavelmente uma das maiores causas de erro na linguagem dos aprendizes.”<sup>7</sup> Na linha 10, Quico pronuncia a palavra “amarelo” com os sons que ele acredita que as letras da mesma palavra teriam na língua inglesa: /əmə'reləu/, com “r” retroflexo e a vogal “o” pronunciada como /əu/.

O humor nessa situação é provocado quando, na tentativa de formar o feminino de *boy*, Quico diz “boia”, que corresponde a um objeto; tendo, portanto, como única relação com a palavra “menina” o fato de ser um substantivo feminino em português. O mesmo tipo de erro, desta vez envolvendo a posição de adjetivos diante de substantivos, é também cometido pelo personagem nas linhas 24 a 28. Ao tentar dizer “azul escuro” em inglês. O personagem, além de desconhecer a palavra “marinho” em inglês, também ignora o fato de que, nessa

<sup>7</sup> “The transfer of patterns from the native language is undoubtedly one of the major sources of errors in learner language.”

língua, os adjetivos normalmente precedem o substantivo, e ele persiste no erro ao citar vários tons de azul sempre com base na estrutura na língua portuguesa.

Uma situação semelhante à que foi vivenciada por Chaves na linha 5 é experimentada por Pópis, que pronuncia “coelho” em inglês como /'rabitʃi/, na linha 37. Possivelmente, a personagem buscou apoio na grafia da palavra em português. Chiquinha, ao tentar corrigi-la, erroneamente associa a sonoridade da palavra pronunciada por Pópis à palavra “rabinho” em português.

### Erros intralinguais

Após Nhonho ter respondido corretamente que “leão” em inglês é *lion* (linha 57), Quico se antecipa em responder que gavião se diz “gaviaion”. Nesse caso, não houve apoio na estrutura ou sonoridade da língua materna, e sim a suposição de que, para pronunciar nomes terminados em “-ão”, bastaria trocar esse fonema por “-ion”, como se isso fosse um padrão existente na língua inglesa. A generalização de regras é um fenômeno comum na aprendizagem, tanto de primeira como de segunda língua. Figueiredo (2004, p. 79) exemplifica isso ao demonstrar a construção *I “falled”* em vez de *I fell*, quando o aprendiz deseja dizer “Eu caí” e desconhece que nem todos os verbos são regulares em inglês. Na língua portuguesa, “regularização” foi o termo utilizado por Cipro Neto (2005) para denominar construções como “eu sabo” e “eu podó”, empregadas por crianças que tomam como base um modelo de conjugação verbal que já internalizaram. Apesar de equivocadas, tais tentativas mostram a capacidade de associação e raciocínio lógico por parte dos pequenos em fase de aquisição da língua materna.

### Erros induzidos

Consideremos o trecho no Quadro 2:

Quadro 2 – Como se diz “professor” em inglês

67	Professor Girafales:	Muito bem. Diga como se diz professor em inglês?
68	Chaves:	<i>Teacher!</i>
69	Professor Girafales:	E professora?
70	Chaves:	“Teachár”!
71	Professor Girafales:	Não, Chaves. Também se diz <i>teacher</i> .
72	Chaves:	Do mesmo jeito?
73	Professor Girafales:	Sim. <i>Teacher</i> é uma palavra que não tem gênero. Portanto é exatamente igual: professor e professora. Entendeu?
74	Chaves:	Sim, professora.

É possível observar que dois tipos diferentes de erros ocorreram: um interlingual e outro induzido. Primeiramente, Chaves supõe que, tal como em português, a palavra *teacher*

possui feminino, e então arrisca pronunciá-la modificando o que seria a vogal temática, substituindo o som /ər/ por /ar/. O erro induzido ocorre quando o professor, na tentativa de esclarecer que *teacher* é uma palavra que não tem gênero, não esclarece o idioma em que isso ocorre. Ao contrário, ele finaliza sua explicação dizendo que “...é exatamente igual: ‘professor’ e ‘professora’”. Assim, Chaves termina por assimilar que essas palavras também não apresentam diferença em língua portuguesa.

### **Limitações decorrentes da tradução do seriado Chaves**

Graças ao trabalho dos tradutores do seriado, *Chaves* e *Chapolin* chegaram à televisão brasileira e seus dubladores ficaram nacionalmente conhecidos e queridos do público. Segundo Kaschner (2008), “as dublagens dos episódios foram tão bem executadas que até hoje algumas pessoas acham que são programas brasileiros”. Joly et al. (2005) apontam que Carlos Villagrán, ator que encenava o personagem Quico, era um admirador da voz de Nelson Machado, seu dublador e tradutor. Durante a década de 90, quando esteve no Brasil para uma turnê, Villagrán solicitou a Machado que o acompanhasse em suas apresentações e “fez questão de aprender as expressões de seu personagem em português, como ‘Você não vai com a minha cara?’, para que a platéia tivesse certeza de que estava com o ‘verdadeiro’ Quico”. Cecília Lemes, dubladora da personagem Chiquinha, foi convidada para participar da DublaCon, primeira convenção de dubladores, realizada em 2021. Essas foram demonstrações do valor atribuído a esses profissionais cujas vozes estão presentes nos cerca de 250 episódios dublados no Brasil entre 1981 e 1986 (JOLY et al., 2005). De fato, traduzir piadas – muitas de duplo sentido, de acordo com o estilo de humor de Roberto Bolaños, criador do seriado – da década de 1970 e garantir o interesse do público nas décadas seguintes é algo digno de reconhecimento.

O próprio Nelson Machado reconhece a dificuldade no trabalho de tradução devido às muitas piadas e trocadilhos que precisaram ser adaptados para fazer sentido na versão brasileira. “O humor de Chaves, embora contenha piadas universais, também é feito de pequenos trocadilhos e menções que não teriam o menor sentido se traduzidos de maneira indevida ou ao pé da letra” (JOLY et al. 2005, p. 64). Os autores relatam que, em certas ocasiões, a tradução era feita sem nenhum tipo de acompanhamento ou direção de adaptação, sendo logo encaminhada para os dubladores, que simplesmente faziam a gravação do conteúdo traduzido. “Embora poucas vezes, os resultados podem ser notados em episódios que apresentam mexicanismos, ou seja, piadas que perderam totalmente a função original”

(JOLY et al., 2005, p. 65). Um exemplo disso pode ser encontrado na linha 2 do Quadro 1, quando Chaves diz que em inglês “é só dizer as coisas ao contrário” e esse pensamento não encontra sentido em sua crença de que “menino” se diz “boi”. A explicação é encontrada no diálogo original, em espanhol:

Quadro 3 – *Boy X voy*

Professor Girafales:	<i>Bien... vamos a ver que tanto saben de inglés.</i>
Chaves:	<i>Pues es lo mas fácil, solo hay que decir las cosas al revés.</i>
Professor Girafales:	<i>Oye, Oye chavo, ¿de donde sacaste que el ingles consiste en decir la cosas al revés?</i>
Chaves:	<i>Pues si! Por ejemplo para llamar a un niño, en lugar de decirle “ven”, le dicen “voy”.</i>

Ou seja: na versão original, Chaves diz que, para chamar um menino, em vez de se dizer “vem”, se diz “vou”. Então é possível entender por que ele diz que em inglês as coisas são ditas ao contrário. (VILA DO CHAVES, 2021).

Quando Nhonho diz que amarelo em inglês é “gielou” (Quadro 1 – linha11), ocorre um desencontro semelhante, pois a piada foi elaborada com base na sonoridade da língua espanhola. Nogueira (2013) explica que em espanhol gelo é *hielo*, semelhante ao som de *yellow* em inglês. Essa foi mais uma situação em que os tradutores tiveram de recorrer ao improvisado para manter a piada – movidos, sobretudo, pela necessidade de sincronizar a dublagem com os movimentos labiais dos atores.

Outro exemplo de adaptação para que o diálogo fizesse sentido na televisão brasileira pode ser observado quando Chiquinha diz que cachorro em inglês se diz “xereta” (Quadro 1 – linha 42). Para fazer o público telespectador encontrar sentido na piada, a solução encontrada pelo tradutor foi fazer referência a um brinquedo ainda fabricado pela empresa Estrela, desde a década de 1980: o cachorrinho Xereta, que era bem popular na época da dublagem (VILA DO CHAVES, 2021). Ao mesmo tempo, é possível entender que quando a personagem diz que conheceu um *settler* inglês que se chamava Xereta, estivesse se referindo ao cão Snoopy, famoso personagem-título de um desenho animado americano cujo nome parte do verbo *to snoop* (xeretar, bisbilhotar).

A comicidade na associação *lion* e “*gaviáion*” (Quadro 1 – linha 57) é mais um exemplo de adaptação do roteiro. Observemos o trecho original em espanhol:

Quadro 4 – Animais em inglês

Professor Girafales:	<i>A ver... ¿Ñoño, como se dice león?</i>
Nhonho:	<i>“Lion”.</i>
Professor Girafales:	<i>Gorrión?</i>
Quico:	<i>“Gorráion”.</i>

*Gorrión* é “pardal” em espanhol. Mais uma vez, a necessidade de sincronizar a dublagem com o movimento labial dos atores pode ter sido um fator decisivo para essa adaptação (VILA DO CHAVES, 2021).

## **Conclusão**

Este artigo teve como premissa básica a ideia de que os erros fazem parte de qualquer processo de aprendizado, inclusive o de uma segunda língua. De acordo com o panorama histórico traçado, pôde-se constatar que inicialmente essa visão não era considerada, tendo se modificado em consequência dos avanços nas pesquisas em aquisição de língua materna e estrangeira. Foi objetivo deste estudo mostrar alguns dos processos que levam os alunos em fase de aprendizado de uma segunda língua a cometerem erros: influência da língua materna, generalizações de regras existentes na língua-alvo, e até mesmo uma forma inadequada de se explicar a língua. Os erros utilizados como exemplos de tais processos foram extraídos do episódio *Ser professor é padecer no inferno*, do seriado mexicano *Chaves*.

Embora a finalidade do programa seja o entretenimento, como professora pude perceber uma semelhança entre a aula de inglês representada no episódio e esse cotidiano na realidade, no que tange aos erros e porque são cometidos. Diante das adaptações geradas pelos tradutores do seriado, procurei, por meio desse recurso cômico, estabelecer analogias com os processos cognitivos que levam os alunos a cometerem erros ao longo do seu processo de aprendizado. Volto-me para a palavra “lição”, utilizada no título deste artigo, para justificar minha escolha por realizar tal comparação: atentar para o fato de que os erros cometidos pelos nossos alunos de língua estrangeira podem constituir uma valiosa lição – sobretudo para professores, pesquisadores, e para o próprio aprendiz – acerca de quais estratégias ele faz uso e com quais hipóteses sobre a língua-alvo ele está trabalhando.

Para aqueles que, assim como eu, associarem os acontecimentos apresentados no episódio da aula de inglês à realidade vivenciada pelos nossos alunos de língua estrangeira, ressalto que as comparações não se encerram neste estudo. Outro possível caminho é voltar o foco para a reação e tratamento do professor aos erros cometidos pelos personagens. Bartram e Walton (1991), Lyster e Ranta (1997) e Figueiredo (2004), para citar alguns, realizaram importantes pesquisas na área e podem oferecer importante embasamento teórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLWRIGHT, Dick, & BAILEY, Kathleen M. **Focus on the Language Learner**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- APRENDA inglês com Chaves! 2021. 1 vídeo (16min37s). Publicado pelo canal Vila do Chaves. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CPOIFbtzF8>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- ARNOLD, Jane; Brown, H. Douglas. A map of the terrain. In: ARNOLD, Jane. (Ed.) **Affect in language learning**. Cambridge: Cambridge University press, 1999.
- BARTRAM, Mark ; WALTON; Richard. **Correction: A Positive Approach to Language Mistakes**. Language Teaching Publications, 1991.
- BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: An interactive approach to language pedagogy**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.
- BROWN, H. Douglas. **Principles of Language Learning and Teaching**. New York: Longman, 2000.
- CAVALARI, Suzi Marques Spatti. **O tratamento do erro na oralidade: uma proposta focada em características da interlíngua de alunos de inglês como língua estrangeira**. 233p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, 2005.
- CAVALARI, Suzi Marques Spatti. O gerenciamento do erro em aulas de inglês como língua estrangeira: um estudo com foco na produção oral. **Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)**, v. 47, 2008.
- CHAVES Episódio 093 Ser Professor e Padecer no Inferno Dublado. 2016. 1 vídeo (19min55s). Publicado pelo canal jormatar6. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vv6hRsK6tgg>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- CHOMSKY, Noam. **Language and Mind**. New York: Harper and Row, 1968.
- CIPRO Neto, Pasquale. Se a secretária depuser... Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/colunas/aopedaletra/2005/07/17/noticiasaoopedaletra,494591/se-a-secretaria-depuser.shtml>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- CORDER, S. Pit (1967). The significance of learner's errors. Reprinted in RICHARDS, Jack C. (Ed.) **Error Analysis: Perspectives on Second Language**. IRAL: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching. London: Longman Group Limited, 1974.

CRUZ, Maria de Lourdes Otero Brab. **Estágios de interlíngua: estudo longitudinal centrado na oralidade de sujeitos brasileiros aprendizes de espanhol.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas-SP, 2001.

ELLIS, Rod. **Understanding second language acquisition.** Oxford ; New York : Oxford University Press, 1986.

ELLIS, Rod. Introduction: Investigating form-focused instruction. **Language Learning S1: Supplement 1**, 2001.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas.** Goiânia: Editora da UFG, 2004.

HENDRICKSON, James M. Error Correction in Foreign Language Teaching: Recent Theory, Research and Practice. **The Modern Language Journal**, v. 62, 1978.

JOLY, Luís; THULER, Fernando; FRANCO, Paulo. **Chaves: Foi sem querer, querendo?** São Paulo: Matrix, 2005.

KASCHNER, Pablo. **Chaves de um sucesso.** Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

LA CORTE, Raquel dos Santos. **Como podemos interpretar os erros no processo de aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira?** Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc067.htm>. Acesso em: 11 jul. 2022.

LADO, Robert. **Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers.** Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.

LIGHTBOWN, Patsy; SPADA, Nina. **How languages are learned.** Oxford: Oxford University Press, 2004.

LYSTER Roy; RANTA, Leila. Corrective Feedback and Learner Uptake: Negotiation of Form in Communicative Classrooms. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 19, 1997.

MITCHELL, Rosamond; MYLES, Florence. **Second language learning theories.** London, Arnold, 1998.

NOGUEIRA, Isabella. Amarelo em inglês é Dgelo"?! Piadas do Chaves que eu não entendia! 22 tons latinos. Disponível em: <https://22tonslatinosport.wordpress.com/2013/10/19/amarelo-em-ingles-e-dgelo-piadas-do-chaves-que-eu-nao-entendia/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

NYIKOS, Martha; OXFORD, Rebeca. A factor analytic study of language-learning strategy use: interpretations from information-processing theory and social psychology. **The Modern Language Journal**, v. 77, 1993.

PENHA, Luciana Silva da ; SILVA, Girlene Moreira da ; FALCÃO, Carla Aguiar. **Reflexões sobre a análise de erros nas teorias de aquisição de línguas**. Disponível em: <https://cointer.institutoidv.org/inscricao/pdvl/uploadsAnais/REFLEX%C3%95ES-SOBRE-A-AN%C3%81LISE-DE-ERROS-NAS-TEORIAS-DE-AQUISI%C3%87%C3%83O-DE-L%C3%8DNGUAS.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SCOVEL, Thomas. Multiple perspectives make singular teaching. In: BEEB, Leslie, M. **Issues in second language acquisition: multiple perspectives**. New York: Newbury House, 1998.

SELINKER, Larry. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**, v. 10, 1972.

SILVEIRA, Gustavo Estef Lino da Silveira. **Aprendizagem de segunda língua e erros: uma breve visão diacrônica**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO25/73supl/16.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

WIDDOWSON, Henry G. **Teaching English as Communication**. Oxford: Oxford University Press, 1978.